

Pandemia e literatura: o exemplo do romance "Os Noivos", de Alessandro Manzoni

DOI 10.5281/zenodo.8066708

Rosa Maria Mijas Beloto¹

Resumo: O romance "**Os Noivos**", de Alessandro Manzoni, é uma obra-prima do Romantismo Italiano, que, dentre outros assuntos importantes, conta uma história de amor em tempos de pandemia de peste negra. Apesar de escrita no século XVIII e de retratar a Itália quatrocentos anos antes, o romance é muito atual.

Palavras-chave: Romantismo Italiano, Peste Negra, atualidade.

Abstract:The novel **Os Noivos**, by Alessandro Manzoni, is a masterpiece of Italian Romanticism, which, among other important subjects, tells a love story in times of the Black Death pandemic. Despite being written in the 18th century and portraying Italy four hundred years earlier, the novel is very current.

Keywords: Italian Romanticism, Black Death, current affairs

I- Considerações Iniciais

1. Iluminismo e a importância da Enciclopédia para a evolução intelectual da humanidade:

Na Antiguidade e na Idade Média, praticamente tudo era concebido e explicado através da fé. Na Idade Média, em que Deus era a medida de todas as coisas, a Ciência esbarrava em lendas e credices que a impossibilitavam de progredir. Até o poder absoluto dos reis era endossado pela ideia de que tal autoridade vinha de Deus (era de origem divina) e que, por isso, os reis não deveriam prestar contas ou satisfações de seus atos aos seus súditos, que, por sua vez, teriam de obedecer ao seu rei sem restrições. Toda sorte de arbitrariedades era cometida e os opositores desse sistema em que o Estado era o rei – o Absolutismo – eram encarcerados, torturados e até mortos, já que representavam um perigo para a paz e para a ordem social.

No século XVII, Descartes, filósofo francês, desenvolveu o Racionalismo, posição metodológica que partia do princípio de que tudo deveria ser compreendido pela razão: o que não poderia ser reconhecido pela racionalidade humana deveria ser desprezado. "Penso, logo existo", concluiu Descartes, estabelecendo a primazia da razão, o privilégio do ser humano por ser dotado de uma inteligência que precisava ser usada de maneira sistemática, lógica. O racionalismo cartesiano constituiu-se num novo método utilizado pelos filósofos tanto na produção de novos saberes, quanto na reformulação de saberes que até então tinham a fé como alicerce. Além disso, esses filósofos pretendiam dar um novo enfoque ao estudo da sociedade: se os homens, na vida em sociedade,

¹ Diretora da Diretoria de Pesquisa, Extensão e Publicações (DIPEX) da UNIESP S.A. Mestre em Letras pela PUC-SP. Professora Universitária, pesquisadora e escritora

precisavam ser governados por alguém, o racional seria que fosse alguém da sua escolha, um grupo que representasse, no exercício do poder político, os interesses de todas as classes sociais e não alguém com poder absoluto, que fazia e desfazia as leis de acordo com sua vontade, privilegiando apenas a si e aos seus. O racional, assim, era acabar com o Absolutismo (sistema também alicerçado pela fé) e dar aos indivíduos a liberdade de escolha de seus representantes no poder: era implantar o Liberalismo.

O movimento filosófico contrário ao Absolutismo ficou conhecido como ILUMINISMO, reunindo os mais significativos pensadores da época, que, sob o paradigma da racionalidade, promoveram muitas revoluções (dentre elas a Revolução Francesa), principalmente uma REVOLUÇÃO INTELECTUAL que culminou com a produção de grande quantidade e qualidade de saberes, de tal forma que foi preciso reuni-los numa grande obra – a ENCICLOPÉDIA - e de tal forma que o século XVIII ficou conhecido na História como o SÉCULO DAS LUZES.

Em 1746, inspirados na *Enciclopédia ou Dicionário de Artes e Ciências* do inglês Ephraim Chambers, o filósofo, romancista e crítico literário Denis **Diderot** e o matemático Jean le Rond **d’Alembert** resolveram elaborar essa grandiosa obra que reuniria todo o saber acumulado até e a partir de então, que contaria com a colaboração de diversos filósofos, escritores e cientistas. Assim nasceu a *Enciclopédia ou Dicionário Racional das Ciências, das Artes e dos Ofícios*, que reuniu mais de 160 intelectuais (por exemplo: Condillac, Condorcet, Holbach, Buffon, Turgot, Quesnay, Voltaire, Montesquieu, Rousseau, etc) para sua elaboração e alcançou um total de 28 volumes publicados no decorrer de 21 anos (1751-1772). Sintetizar criticamente as informações foi a diretriz básica dessa obra iluminista que se tornou um marco na história do pensamento, já que substituiu a alienação e a ignorância pelo pensamento crítico. A enciclopédia, assim, adquiriu o caráter de porta-voz das idéias iluministas arrojadas no combate ao autoritarismo de qualquer espécie (o religioso, por exemplo) e a todas as formas de superstições e obscurantismos. Por causa de tais idéias, o Papa Clemente XIII, em 1759, a condenou e a interditou por um bom tempo. A enciclopédia tornou-se, assim, um dos principais veículos das idéias que desencadearam a Revolução Francesa e o desenvolvimento da Filosofia e da Ciência no século XIX.

Os organizadores e colaboradores da Enciclopédia – ou os ENCICLOPEDISTAS – encarregados de áreas de sua especialidade, a fim de que os diversos temas fossem abordados com mais segurança e cuidado, embora discordassem entre si a respeito de vários pontos, concordavam quanto a certos ideais: o otimismo em relação ao futuro da humanidade, a confiança no poder da razão, a oposição à excessiva autoridade da Igreja, a importância atribuída às Ciências, às Artes e às técnicas, e a crença no PROGRESSO. Tudo isso se concretizou e essas idéias “iluminadas” tornaram-se cada vez mais “brilhantes”, não permitindo que as “trevas” pairassem novamente sobre os homens.

A partir desse marco que foi a Enciclopédia Francesa oriunda do Racionalismo e do Iluminismo, outras enciclopédias de grande porte e rigor foram sendo produzidas também em outros países. Pouco a pouco, essas

enciclopédias, da qual a *Enciclopédia Britânica* é um bom exemplo, procuraram apenas transmitir fatos e informações, sem a preocupação explícita de inseri-los numa determinada visão de mundo, o que ocorre até os dias de hoje.

A cada dia, enciclopédias mais completas, mais sofisticadas, mais avançadas foram publicadas, refletindo o avanço intelectual que o ser humano atingiu. Hoje, com o advento de outra revolução, a tecnológica, a enciclopédia serviu de paradigma para a criação de ferramentas de pesquisas rápidas, objetivas, disponibilizadas pela Internet, como a disponibilizada pela empresa Google, cuja marca se tornou uma metonímia: "procura no google".

A enciclopédia e tudo que ela representa são, portanto, o início de uma era em que o conhecimento humano não mais deixará de evoluir.

2. A primazia da Ciência a partir do século XIX:

Se nos séculos XVII e XVIII, tudo que até então tinha uma explicação espiritualista, "divina", religiosa, passa a ser explicado com base na razão (Racionalismo), de tal forma que resultou numa verdadeira revolução intelectual da humanidade, em que a produção de saberes foi tanta (FAZER SABER) que foi preciso organizá-los e sistematizá-los na enciclopédia, no século seguinte, todo o conhecimento acerca do homem e do mundo passou a ser entendido e explicado com base na MATÉRIA, em fatos reais, em elementos concretos, rejeitando qualquer concepção ou explicação divina (espiritualista): "Estamos mergulhados no universo, sujeitos a leis infalíveis e definidas, provindas da própria natureza, nada mais existindo além disso", diz o Materialismo, que, no século XIX, atingiu seu clímax e mudou radicalmente a maneira de ser, de agir e de pensar do homem. Esse pensamento materialista teve como consequências profundas mudanças históricas, econômicas, sociais, filosóficas, CIENTÍFICAS, artísticas e literárias. Vejamos alguns exemplos na Filosofia e na Ciência:

1. Na Ciência:

A grande novidade decorrente do pensamento materialista, nessa época, é, sem dúvida, o surgimento das **CIÊNCIAS NATURAIS**

a) No campo **da Física e da Química**, o acontecimento mais importante é a generalização do princípio da transformação da energia, descoberta em que se baseia a Ciência atual, pois possibilita a concepção einsteniana da equivalência entre matéria e energia. Outra preocupação relevante é o desenvolvimento das pesquisas sobre o átomo e a molécula (Gay-Lussac e Avogrado), as buscas no campo da calorimetria, termodinâmica, telefonia, astronomia, eletromagnetismo, etc. São dessa época: o estudo da força elétrica e da quantidade de eletricidade (Coulomb), a construção da primeira pilha (Volta), a análise das relações entre campo magnético e corrente elétrica (Ampère) e a invenção do telefone (Graham-Bell);

b) **Na Biologia/Genética**, que até séculos anteriores haviam permanecido limitadas pelas concepções espiritualistas e sobrenaturais dos antigos, tornam-se imortais os nomes de:

- Charles Darwin, que em sua obra "A Origem das Espécies" funda o EVOLUCIONISMO, doutrina científica que afirma a seleção natural e defende a

concepção do aprimoramento progressivo das espécies de seres vivos (dos que conseguiram se adaptar ao meio e, por conseguinte, passar pelo processo de seleção natural), em especial a espécie humana (analisada como um animal como outro qualquer).

- Lamarck, que formula as leis da seleção natural, da qual é famosa a lei do uso e desuso de órgãos ou partes da constituição física (biológica) de um animal, responsável pela permanência ou não das espécies de seres vivos nessa evolução.

A intensificação do uso do microscópio, bem como a maior precisão metodológica com que passam a ser observados os seres vivos, também resultam em incrementos dos conhecimentos científicos:

- Luis Pasteur, bacteriologista, prova que as bactérias provocam doenças e descobre a vacina anti-rábica e, a partir dela, outras importantes vacinas puderam ser descobertas por outros pesquisadores;

- Claude Bernard cria a fisiologia experimental (exames de laboratório);

- Padre Gregório Mendell descobre os princípios da hereditariedade (o que possibilitou os atuais testes de DNA).

Tudo isso contribui para um incalculável avanço também na **Medicina**, em que se descobre **as relações entre HIGIENE e SAÚDE**: o que ainda não pode ser curado pode ser prevenido.

c) Outros estudos importantes: na **Psicologia**, Skinner desenvolve uma terapia de cunho materialista: o *Behaviorismo*; na **Filosofia**, uma das doutrinas famosas é a de Taine, o *Determinismo*, que prega que *o homem é produto do meio (social e/ou natural), do momento e da raça a que pertence*.

A doutrina filosófica mais importante dessa época, porém, é a de autoria de Auguste Comte, o **POSITIVISMO**, que prega a **PRIMAZIA DA CIÊNCIA** como única fonte de produção de verdades: "*só existem verdades baseadas na observação e na experimentação*", ou seja, só é verdade (real) o conhecimento que for cientificamente comprovado.

A partir desse contexto, não esquecendo que a Revolução Industrial exigiu que o conhecimento produzido no século das luzes fosse colocado em prática (saber fazer), e com a primazia da Ciência como determinante para que um conhecimento fosse tido como verdadeiro, é que efetivamente houve também uma evolução na ciência responsável para a prevenção, a identificação, o tratamento e a cura de doenças humanas: a **MEDICINA**.

3. A evolução da MEDICINA:

Até a Revolução Científica ocorrida no século XIX, na Medicina teve lampejos nas descobertas e na cura de doenças com babilônios, egípcios, hindus, hebreus e, logicamente, gregos, dentre eles aquele que é considerado o "Pai da Medicina", Hipócrates, que se dedicou a estudar os sintomas de doenças e a evolução delas em outros pacientes, com o objetivo de ter bases teóricas para investigar as doenças relacionadas a problemas físicos na Grécia Antiga. Ele foi o idealizador da **anamnese** como etapa inicial do exame médico dos pacientes na atualidade. Ressalta-se, no entanto, que toda e qualquer descoberta (estudo), sempre esbarrava nas fortíssimas explicações espirituais, sobrenaturais, divinas.

Um dos médicos da Antiguidade conhecido por ter combatido as crendices que envolviam as causas das doenças foi Imhotep, um dos médicos mais relevantes da História, e sua contribuição se baseou principalmente em tratamentos cirúrgicos de ferimentos, o que fez com que os curandeiros da época abandonassem um pouco a cura por meio da religião.

Não se pode deixar de citar todo o conhecimento dos antigos que viviam no Oriente e que foi perdido nos incêndios de grandes e importantes bibliotecas (a de Alexandria, por exemplo), destruído pelas classes poderosas que dominavam os povos com crendices e fanatismos, como, por exemplo, o conhecimento de Medicina que os mouros possuíam e que o mostraram quando invadiram a Península Ibérica, em especial na Espanha, e que foi destruído e esquecido quando aqueles povos foram expulsos. Veja em <https://www.youtube.com/watch?v=rI9ivEvHrLI>

Quinhentos anos depois de Hipócrates, mas ainda na Antiguidade, outro grego se destaca: Galeno, que, autor de mais de 400 livros, dedicou à Medicina 70 títulos, e também foi responsável por criar parâmetros de pesquisas que foram retomadas no século XIX, quando a Medicina realmente deslanchou com o surgimento das Ciências Naturais, das ações preventivas de higiene, do uso de microscópio, com o auxílio de exames de laboratório, dentre outras ações.

No século XX, a Medicina parece ter compensado o “tempo perdido” (ela ficou estagnada por séculos), tamanha e intensa a sua evolução. Prova disso é que, em 2020, o mundo foi assolado por uma contagiosa e letal pandemia, a COVID-19, provocada pelo coronavírus, mas as medidas sanitárias tomadas e a descoberta de vacinas apenas um ano após o seu início, fizeram com que a intensidade da doença fosse perdendo força e, aos poucos, os casos da doença foram diminuindo, o número de mortos foi baixando, e a vida pode ir voltando à normalidade mesmo que a doença ainda não seja considerada sob total controle e ainda haja casos dela.

4. Pandemias:

Se a Medicina ficou estagnada por séculos e só evoluiu a partir do cientificismo do século XIX, em especial no mundo ocidental, na contramão, a História da humanidade é marcada por **doenças que atingiram sociedades em diferentes períodos** e deixaram marcas profundas nelas por conta da quantidade de mortos. Só com o avanço da Medicina é que foi possível combatê-las e garantir a sobrevivência humana. Varíola, sarampo, tifo, febre tifoide, febre amarela, cólera, aids, ebola, peste bubônica e diferentes tipos de gripe são algumas das que marcaram o desenvolvimento humano em sociedade. Mesmo assim, não se pode baixar a guarda, pois, sem atenção, controle e cuidado, doenças erradicadas podem voltar.

Quando uma doença se alastra para várias localidades, tem-se uma PANDEMIA. O termo, assim, se refere à distribuição geográfica de uma doença e não precisamente à sua gravidade. Às vezes se refere a ambas como foi o caso da Covid-19, a pandemia mais recente e mais devastadora da História da humanidade.

Antes da Covid-19, a pandemia mais famosa vivenciada pelos humanos foi a da Peste Negra. Ocorrida na segunda metade do século XIV, na Idade Média, portanto, ela causou a morte de cerca de um terço da população europeia.

Causada pelo **bacilo *Yersiniapestis***, essa peste integrou a série de acontecimentos que contribuíram para a crise da Baixa Idade Média, como as revoltas camponesas, a Guerra dos Cem Anos e o declínio da cavalaria medieval. Originária no **continente asiático**, a peste chegou à Europa com as caravanas de comércio que vinham da Ásia através do Mar Mediterrâneo e aportavam nas cidades costeiras europeias, como Veneza e Gênova.

Inicialmente, a doença se propagou por meio de picadas de pulgas de ratos infectadas com o bacilo e, posteriormente, também por meio de espirros e gotículas por via aérea. As péssimas condições de higiene na época infestavam os lugares de ratazanas e pulgas, propagando a doença de forma arrasadora.

Como ainda não havia desenvolvimento da ciência médica, não se sabia as causas nem os meios de tratar a peste, ou de sanear as cidades e vilas. Como a pessoa infectada tinha grandes manchas negras na pele, seguidas de inchaço (bubões) e gânglios na virilha e nas axilas, a peste era chamada de negra ou bubônica, e durava de dois a cinco dias, culminando com a morte.

Em se tratando da teocêntrica Idade Média, em que Deus era a medida de todas as coisas, o clero propagava que a peste negra certamente era castigo de Deus em decorrência do pecado em que as pessoas viviam. Era um “castigo de Deus” e que, por isso, só Deus poderia livrar da mortal doença os merecedores da cura: os virtuosos e os convertidos ao Cristianismo.

Também o clero católico foi responsável por difundir que os judeus tinham pacto com o demônio, pois, apesar de hereges, eram os menos afetados pela doença. Hoje, sabe-se que a causa de muitos judeus não terem se infectado eram os seus hábitos de higiene (lavar as mãos antes das refeições, por exemplo) e de terem em casa os melhores caçadores de ratos que existem: gatos.

O contágio e a morte pela peste negra só começaram a diminuir com confinamento, com a montagem de hospitais fora dos muros das cidades e com a incineração dos mortos, ou seja, quando ações de higiene e reclusão começaram a ocorrer. Exatamente como na pandemia da Covid-19 tão recente: confinamento, uso de máscaras (evitando o contágio por espirros e gotículas), higiene (lavagem das mãos, uso de álcool em gel, retirada de roupas e calçados na entrada de casa) e principalmente e graças ao avanço científico de hoje: a descoberta da vacina contra o coronavírus.

II- Pandemia e Literatura: o exemplo de "Os Noivos":

Os Noivos (em italiano, *I promessi sposi*) é um romance histórico do Romantismo italiano de autoria de Alessandro Manzoni, publicado pela primeira vez em 1827, em três volumes. Tem sido considerado o romance mais famoso e lido em língua italiana.

Adotando uma tendência do Romantismo em recuperar os traços culturais da Idade Média, em especial o teocentrismo e a vassalagem amorosa, a trama de "Os Noivos" retrocede duzentos anos, quando o ducado de Milão, então sob domínio espanhol, envolve-se na guerra de sucessão mantuana, reino contíguo.

O romance retrata também três flagelos: a carestia, a guerra que opunha os imperialistas e a Casa de Savóia aos franceses e seus aliados, **e a peste negra**.

Como é uma obra prima da Literatura Universal e que, por isso, vale a pena ser lida, o presente artigo não fará o resumo e não abordará trechos importantes do romance. Não será dado "spoiler".

Uma particularidade da obra, entretanto, vale a pena comentar. Além dos dois noivos do título do romance em português, Renzo (de Lorenzo) e Lúcia, compõem seu elenco de personagens: "senhores libertinos, prepotentes e muitas vezes sanguinários, padres corajosos e padres covardes, camponeses, tecelões, empregadas e senhoras fofoqueiras, advogados corruptos, funcionários oportunistas, mercenários de toda espécie, uma *Monaca* (sóror Gertrude) desorientada, autoridades ineficientes, capangas e, até mesmo, um poderoso e cruel senhor dito *Innominato*, que por fim, por interferência ou influência de Lucia, converte-se ao Cristianismo." Em suma: o romance é uma galeria do que há de melhor e de pior na humanidade.

Nesse comentário, já é possível prever que, os que representam o pior da humanidade serão os punidos e os virtuosos, os curados da peste negra. Afinal, como já citado, a peste, sob o ponto de vista da cultura teocêntrica medieval, do porta-voz de Deus na Terra, o clero católico, é o castigo para os pecadores. Além da peste, a causa dos destinos infelizes dos "pecadores" da trama são seus vícios, seus pecados.

Lúcia e Renzo, os noivos, vivem "um amor em tempos de peste" numa Lombardia violenta e pobre, começando com a chegada de tropas alemãs na pequena cidade da província de Lecco e se alastrando rapidamente pela região e pelo restante da Itália. Como visto na parte sobre a Peste Negra, no romance é mostrada a infecção chegando à Itália por meio dos comerciantes das caravanas que vinham do Oriente (lugar de origem da doença) e que o contágio é facilitado pelas péssimas condições sanitárias e pela extrema pobreza que levava muita gente a viver e a perambular pelas ruas, sobretudo nas grandes cidades como Milão, contágio ainda propiciado pela Igreja, que reúne uma quantidade enorme de fiéis, justamente para pedir a misericórdia divina em procissões pelas ruas da cidade.

Uma particularidade apresentada pelo romance é a existência do **lazareto**, local que reúne os infectados pela peste em Milão, ou seja, local que colabora e muito para a transmissão do vírus causador da doença. Hoje, sabe-se que o distanciamento, o confinamento, ações de higiene inibem o contágio dessa e da maioria das doenças. Há um momento no romance em que Lúcia se encontra num *lazareto* com mais de 16 mil infectados. E consegue se salvar, pois "é uma jovem humilde, virtuosa, que tem uma fé extremada, católica fervorosa que lhe dá esperança e que, por tudo isso, faz dela merecedora da

cura, que é cedida por Deus”, mediante uma promessa feita por ela, daí o nome em italiano ser mais condizente com o enredo do romance: *I promessi sposi*.

O romance começa com Lúcia e Enzo às vésperas do casamento, que não se realiza e que, ao contrário, separa o casal, que passa quase toda a trama separado e vivendo aventuras inimagináveis. Para piorar, Lúcia faz uma promessa, como citado, e é atendida em seu pedido, mas que vai impedi-la de se casar com Renzo. O leitor deste artigo terá que ler o romance para saber tudo do pouco que aqui foi escrito sobre o romance.

A cada parte do enredo, é possível se ter a ideia exata das péssimas condições sanitárias, dos sintomas da doença, da rapidez do contágio - do início da doença à morte era comum o período de apenas 3 dias no máximo, da aceleração do contágio no agrupamento de doentes no lazareto e do acúmulo de corpos dos mortos que se amontoavam, da extrema dor, da pobreza material e espiritual, de um inferno na Terra que parece não ter fim.

Mesmo com todos esses elementos, como todo romance romântico que conta uma história de amor repleta de obstáculos e até de tantas tragédias que parecem não ter solução, o final feliz é garantido. Quando todos os mercedores da cura da peste negra e das várias dificuldades por que passaram retornam à sua antiga aldeia, retomam suas vidas do nada, pois quase nada restou, e Lucia e Renzo são finalmente casados por Don Abbondio, e o casal inicia uma nova vida numa fazenda nos portões de Bérgamo.

Além desse final tipicamente romântico - o do final feliz - a obra "Os Noivos" também retrata a melhoria da situação pandêmica quando as primeiras ações sanitárias corretas começam a ser realizadas, também como visto no item anterior que trata de "Pandemias": com a montagem de hospitais fora das cidades (semelhantes aos hospitais de campanha da pandemia da covid-19), com o isolamento dos doentes (ao contrário dos lazaretos, das missas superlotadas e das procissões) e com a incineração dos mortos, ou seja, quando ações de higiene e reclusão começaram a ocorrer e os casos de peste começam a diminuir. Essa é certamente uma das grandes contribuições do romance: trazer lições para futuras pandemias, abordar um período passado para mostrar o quanto o presente já evoluiu.

III- A atualidade do romance "Os Noivos":

Pandemias de pestes igualmente contagiosas e letais, extrema pobreza, fome, exploração, guerras, vícios e virtudes humanas, são alguns elementos que ligam o romance histórico "Os Noivos" à atualidade.

Este artigo cumpriu sua promessa de não prejudicar a leitura do romance "Os Noivos", ao não colocar sequer trechos ilustrativos retirados dele a cada afirmativa feita, nem revelar a relação do título do romance em italiano com seu enredo, o que certamente um crítico literário mais exigente poderia cobrar. Foi

proposital, pois entre agradar plenamente um crítico e despertar a vontade do leitor para conferir tudo o que aqui foi exposto sobre o romance e para não correr o risco dele perder a vontade de ler a obra e de descobrir exatamente seus "mistérios" atrativos, a segunda escolha foi a opção.

São 400 anos de distância do contexto atual em relação ao do retratado na obra, mas muitos elementos desses contextos são iguais e mostram que Salomão estava coberto de razão quando afirmava que “não há nada de novo sob o sol”. Em muitos aspectos.

Quem quiser conhecer o contexto histórico, geográfico, pandêmico da Itália em tempos de peste negra, além da história de Renzo e Lúcia, não pode deixar de ler o romance de Alessandro Manzoni. E deve ler com os olhos cheios de conhecimentos, de informações privilegiadas por viver numa época em que a Medicina está cada vez mais avançada e que foi todo esse conhecimento, de que até os brasileiros mais simples, com nenhuma ou pouca escolaridade, com vulnerabilidade econômica e social estavam dotados no período mais crítico da pandemia da Covid-19 no ano de 2020, que fizeram com que – apesar de muitas mortes – evitaram uma quantidade infinitamente maior do que a que poderia ter sido. A maioria da população brasileira, apesar de todos os seus problemas, entendeu a necessidade das medidas protetivas adotadas para evitar o contágio da doença: confinou-se (na medida do possível), evitou aglomerações (lazaretos), usou máscaras, manteve a higiene em especial das mãos, lavando-as com frequência e/ou usando álcool em gel, procurou se informar a respeito da doença pela mídia, sabia do que se tratava e não tomou a pandemia como castigo de Deus (salvo algumas exceções, mas poucas). Confiou na Ciência. Confiou nos profissionais da Saúde: médicos e enfermeiros. Acreditou na vacina e fez uso dela em doses normais e até em reforços.

Essa leitura com olhos que carregam conhecimentos tão essenciais certamente levará o leitor a imaginar como seria a peste negra medieval se não existisse o pior vírus que atacou e atacará a humanidade por algum tempo: o vírus da ignorância. Para esta peste, a Ciência ainda não criou uma vacina. Talvez porque ela seja de natureza moral...

BIBLIOGRAFIA:

MANZONI, Alessandro. **Os noivos**. São Paulo: Nova Alexandria, 2012.

BELOTO, Rosa Maria Mijas. **A importância da Enciclopédia para a humanidade**. Revista O Livro Porta a Porta . São Paulo: Associação Brasileira de Difusão do Livro - ABDL. nº 26 p.6, outubro/novembro/dezembro/2000.

MATTAR, João. **Metodologia Científica na Era da informática**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

Medicina en Al-Andalus con expertos del Hospital Reina Sofía
Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rI9ivEvHrLI>. acesso em: 01 mar 2023.

PEARCE, Joseph. ***Um clássico esquecido: Os Noivos, de Alessandro Manzoni***

Disponível em <https://padrepauloricardo.org/blog/um-classico-esquecido-os-noivos-de-alessandro-manzoni>. acesso em: 01 mar 2023.

História do Mundo: Peste Negra

Disponível em <https://www.historiadomundo.com.br/idade-media/peste-negra.htm>. acesso em: 01 mar 2023.

GUIRARDI, Pedro Garcez. ***As linhas tortas da Providência no romance de Manzoni***

Disponível em

<https://www.scielo.br/j/ea/a/F5CmT8qFN5LjZqQSCCNzkzb/?format=pdf&lang=pt>. acesso em: 01 mar 2023.

PONT, Izabel dal. ***Literatura Italiana Traduzida***. Disponível em:

<https://literatura-italiana.blogspot.com/2021/07/amor-peste-e-contagio-em-i-promessi.html>. 01 mar 2023.

Recebido 10/03/2023

Aprovado 15/05/2023

